



# O CELULAR EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA VOLTADA PARA A EDUCOMUNICAÇÃO

SIMONE BIEDZICKI NIEWINSKI - UFRGS - FPELEUPC.SIMONE@GMAIL.COM  
MARCELO MAGALHÃES FOOHS – UFRGS - MMFOOHS@GMAIL.COM

## 27.1 INTRODUÇÃO

Atualmente, é consideravelmente constante a utilização de celulares, *iphones* e *smartphones* pelos alunos. Muitos não conseguem desligarem-se destes aparatos por nenhum minuto, até mesmo durante as aulas, transmitindo a sensação de que o aparelho funciona como parte de seu corpo. Esse fato tem sido considerado um problema por grande parte dos professores. É considerável o número de docentes que proíbe a utilização dessas mídias, assim como os que a consideram “inutilizável”, “perturbadora” e “desviadora de atenção”.

A pesquisadora deste projeto é educadora há alguns anos, mas que já são suficientes para se questionar alguns fatos que ocorrem na sala de aula, principalmente no que se refere ao Ensino Médio. Formada pela Universidade Luterana do Brasil no curso de Letras – Português e suas respectivas Literaturas e recentemente no curso de Letras Espanhol pela Universidade Federal de Pelotas, trabalha na rede municipal de ensino desde 2009 e na rede estadual desde

2010. Professora jovem em meio a tantos profissionais experientes e com tempo de serviço relativamente muito superior ao seu seriam sinônimos de experiência a ser compartilhada e muito conhecimento a ser aprendido com os colegas. No entanto, os encontros diários nas salas dos professores e durante as extensas reuniões pedagógicas foram momentos para que pudesse conhecer o discurso que pregavam: “os alunos estão cada vez mais desinteressados, só querem saber de mexer nos seus celulares e estarem conectados no Facebook!”. Estas afirmações foram se tornando cada vez mais constantes e surgiram como inquietação para fomentar este trabalho de pesquisa. Será que nossos alunos não estão comprometidos com a educação recebida em sala de aula, ou será que os educadores não estão suficientemente preparados para atender essa demanda que está cada vez mais conectada ao mundo digital? A pesquisadora, em sua trajetória como educadora, sempre procurou trazer atividades criativas e que envolvessem os alunos. Para tanto, adotar o uso deste recurso mencionado também é sinônimo de inovação, visto que a maioria dos educadores está ainda arraigada a práticas tradicionais como uso de quadro, giz e livro didático.

Este trabalho surge como resposta à pergunta: aparelhos celulares possuem alguma utilidade para as aulas de linguagens? Pensando nisso, tem-se como objetivo conhecer a realidade referente à utilização de mídias nas escolas públicas, principalmente no que diz respeito às aulas de língua portuguesa e literatura, além de apresentar alternativas de uso de mídias para as mesmas. Também abordaremos a teoria que se encarrega de nortear este trabalho: a Educomunicação.

## 27.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 27.2.1 Breve Histórico das Mídias na Educação

Com o passar do tempo, nossa sociedade evoluiu e foram descobertos muitos avanços em várias áreas, avanços estes que modificaram nossa forma de pensar, agir e de nos relacionar. Hoje, é muito mais fácil nos comunicarmos: a distância diminuiu, e a rapidez tomou conta de nossas ações. Entre tantas conquistas, as *mídias*<sup>1</sup> têm desempenhado um papel de fundamental importância e

---

1 s.f. Qualquer suporte de difusão de informações (rádio, televisão, imprensa escrita, livro, computador, videocassete, satélite de comunicações etc.) que constitua simultaneamente um meio de expressão e um intermediário capaz de transmitir uma mensagem a um grupo; meios de comunicação, comunicação de massa. Disponível em: [http://www.dicio.com.br/midia\\_2/](http://www.dicio.com.br/midia_2/) acesso em 27 de abril de 2015.

começaram a fazer parte do dia a dia de estudantes de toda faixa etária.

Não é recente a utilização das mídias em educação. Datam de 1960 os primeiros interesses nas mídias. Segundo Fantin (2011, p.31), foi quando começou a preocupação com a influência que estas poderiam causar nos âmbitos políticos e ideológicos, ou seja, começou a se realizar uma leitura crítica das mídias.

Em 1973, surge um conceito para a expressão “mídias em educação”, designado pela UNESCO<sup>2</sup>, que se referia como sendo todo estudo, ensino e aprendizagem dos meios contemporâneos de comunicação e expressão, considerados de forma autônoma e independente com teoria e prática.

Entretanto, esta definição não confere às mídias o título de “ferramentas”. Isso ocorre em 1970, em plena era do desenvolvimento tecnológico, nos Estados Unidos e América Latina, quando as mídias assumem *status* de maior importância, e suas mensagens passam a ser alvos de críticas, análise e compreensão, conforme nos mostra Bévort (2009, p.1).

Em reunião da UNESCO de 1982, salientou-se mais uma vez a importância da apropriação das mídias e sua utilização no contexto escolar, objetivando a tornar alunos críticos, criativos e participativos, tornando-se elemento essencial para a formação de um cidadão com tais competências.

Em 1990, novamente em pronunciamento da UNESCO, que promoveu um colóquio internacional sobre esse assunto, que contou com participação de países de diversas realidades culturais e sociais, nos apresenta novas definições e inquietações, tais como nos mostra Bévort (2009, p.1):

A mídia-educação visa a suscitar e incrementar o espírito crítico dos indivíduos (crianças, jovens e adultos) face às mídias, visando a responder às questões: como as mídias trabalham; como são organizadas; como produzem sentido; como são percebidos pelos públicos; como ajudar estes públicos a bem utilizá-las em diferentes contextos socioculturais? Seu objetivo essencial é desenvolver sistematicamente o espírito crítico e a criatividade, principalmente das crianças e jovens, por meio da análise da análise e da produção de obras midiáticas. Visa a gerar utilizado-

---

<sup>2</sup> Unesco é a sigla para Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Foi fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo, através da educação, da ciência, da cultura e das comunicações. A sede da Unesco fica em Paris, na França, e atua em 112 países. A Unesco colabora para a formação de professores e contribui para a construção de escolas e à doação de equipamento necessário para o seu funcionamento, além de promover atividades culturais para as comunidades valorizarem seu patrimônio cultural. Disponível em: <http://www.significados.com.br/unesco/> >. Acesso em: 27 de abr. 2015.

res mais ativos e mais críticos que poderiam contribuir à criação de uma maior variedade de produtos midiáticos.

Hoje, vivenciamos a era digital onde, a cada instante, criam-se novas maneiras de se comunicar e difundir a informação. A sociedade está conectada a todo instante, distâncias diminuíram, e os desafios aumentaram. O computador e a internet estão ao alcance da maioria da população. De acordo com o autor, “o papel da mídia-educação torna-se ainda mais crucial e sua realização mais complexa, face às ilusões libertárias e igualitárias das promessas da ‘rede’” (Bé-vort, 2009, p.1). Portanto, como recurso midiático, apresentamos o celular, que, dentro das possibilidades educacionais, se mostra como uma das grandes tecnologias capazes de modificar a forma de aprender e provocar a inclusão digital tão desejada, visto que grande parte da comunidade escolar o possui.

### 27.2.2 Contexto Escolar e as Mídias na Educação

Mergulhados na era da informação, grande parte dos alunos utilizam-se de aparelhos celulares, *iphones*, *tablets* e outras tecnologias como sendo uma extensão de seu corpo. O uso de tais aparatos tem sido tão disseminado, que não é tarefa difícil encontrá-los em uma sala de aula. Os alunos estão cada vez mais informatizados e sabem de acontecimentos que, há algum tempo, eram consideradas fora de seu alcance. Segundo Lévy, o *ciberespaço*<sup>3</sup> é capaz de suportar tecnologias intelectuais que ampliam, exteriorizam e transformam diversas capacidades humanas:

Essas tecnologias intelectuais favorecem nas formas de acesso à informação: navegação por hiperdocumentos, caça à informação através de mecanismos de pesquisa, *knowbots* ou agentes de software, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados, novos estilos de raciocínio e conhecimento, tais como a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento, que não advém nem da dedução lógica nem da indução a partir da experiência. (LÉVY, 1999, p.157).

Segundo Damasceno (2014, p.1), as práticas pedagógicas das escolas públicas brasileiras continuam se realizando da mesma forma que no século passado,

<sup>3</sup> Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.

enquanto podemos acessar qualquer informação de qualquer lugar do mundo, os alunos ainda se organizam sentados um atrás do outro e recebendo informações trazidas quase que única e exclusivamente pela figura de um professor. Isso é antiquado e ocorre em qualquer área, tanto no ensino de língua estrangeira quanto em outra disciplina da grade curricular. O autor nos mostra que ocorre uma rejeição das mídias por grande parte dos professores que se sentem despreparados para assumir o papel de ensinar a utilizá-las.

Dentro de tal contexto situacional, salientamos a importância de apreciar as mídias existentes e sua possível utilização nas aulas de toda e qualquer disciplina como forma de atualizar constantemente o conhecimento, evitando torná-lo obsoleto. O aluno não recebe as informações e não aprende somente na presença de um professor, antes de chegar às suas mãos, ele passa pela família e pelo contato de seu grupo social, onde possivelmente tenha manuseado muitos tipos de mídias. De acordo com Moran (2007, p.3):

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que as mídias na educação representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

Estamos em um ambiente em que muitas modificações devem ocorrer e não é papel de apenas um, pois todos os envolvidos com a educação são responsáveis por fazer com que as mudanças ocorram. Entretanto, em contraponto, há aqueles que possuem tudo e não se propõem à mudança, a se desestabilizar em prol de novos caminhos para desenvolver o conhecimento; ou ainda, temos uma grande quantidade de alunos que possuem uma mídia a sua disposição: o celular.

### **27.2.3 A Utilização do Celular em Sala de Aula**

O celular sim possui muitas possibilidades de uso e pode auxiliar o professor como ferramenta pedagógica. De acordo com informações obtidas em um site

de Educação<sup>4</sup>, o celular é capaz de auxiliar os alunos que possuem deficiências, é adequado para contribuir em melhor aproveitamento do tempo de aula, o aluno pode acessar o conteúdo em tempo e lugar desejável, é capaz de criar comunidades para compartilhar seus aprendizados, aproxima todas as possibilidades de aprendizado, torna o aluno mais autônomo quando este recebe feedback das tarefas realizadas, o aprendizado se adequa às necessidades de cada aluno, a comunicação é mais rápida, apresenta menores custos, entre outros. Encontramos, nas salas de aula, alunos sedentos de informação, a atualização do conteúdo deve ser constante, e a preparação da equipe docente também. O celular surge como um grande aliado, oferecendo múltiplas possibilidades de uso, recursos e aplicativos. Entre os recursos que podem ser utilizados nas aulas de língua estrangeira, destacam-se aplicativos de gravação de áudio e reprodução, acesso à internet, transmissão de dados, reprodução de vídeos, entre outros.

A *internet* facilita o acesso do aluno a qualquer informação de qualquer lugar. Assim como possuímos livros impressos, a internet disponibiliza uma grande quantidade de material digitalizado também. É frequente o surgimento de dúvidas quanto à conjugação de verbos, aspectos culturais ou semânticos, e a internet facilita esta relação de busca. O professor não precisa mais ser o detentor do conhecimento, mas pode orientar seu aluno, dando dicas de sites mais confiáveis ou mais completos, assim, contribuindo para a construção da autonomia do educado.

As *Redes Sociais*, como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, entre outras, facilitam o contato dos alunos com nativos de uma língua estrangeira ou outros habitantes de um mesmo país e que apresentam variações linguísticas. Os mesmos podem trocar mensagens, informações, compartilhar fotos e, assim, entrar em contato com a língua meta e aprender mais sobre ela.

Através do celular, podem-se acessar *rádios*, onde se podem ouvir músicas. As músicas possibilitam o contato com vários tipos de linguagem, bem como região. Assim, o aluno trabalha a parte auditiva e enriquece seu vocabulário. Músicas podem ser transmitidas de um celular para outro, por meio de *Bluetooth*.

---

4 Veja o site <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-03-03/unesco-recomenda-o-uso-de-celulares-como-ferramenta-de-aprendizado.html>.

th<sup>5</sup>. Portanto, não é necessário ter acesso à internet para acessar uma música, o professor traz a mesma e passa para seus alunos que, por meio de seus telefones, podem escutá-la quantas vezes quiserem.

Gravadores de voz são comuns em qualquer aparelho. O estudante pode criar seu diálogo e reproduzi-lo de forma que possa construir e vivenciar situações de uso da língua meta. Também há gravadores de vídeo. Os alunos poderão construir situações em que devam utilizar a língua estudada e depois assistir ao trabalho realizado. Desta forma, são capazes de analisar e refletir sobre suas próprias falhas e acertos. A aula torna-se, assim, divertida e dinâmica.

As possibilidades de uso são muitas, basta o professor se adequar à realidade que se apresenta e deixar sua insegurança de lado. No processo de ensino-aprendizagem, todos os envolvidos aprendem uns com os outros, tanto alunos quanto professores.

## 27.3 EDUCOMUNICAÇÃO

Relativamente nova, esta área do conhecimento traz grandes contribuições para o trabalho do professor, que de certa forma pode ser chamado de “educador comunicador” quando consegue transpor para a Educação a Comunicação a fim de facilitar o processo ensino-aprendizagem.

### 27.3.1 O que é Educomunicação

Não significa apenas a união de dois termos já existentes, Educomunicação vai mais além de Educação mais Comunicação, “são formas de conhecimento, áreas do saber ou campo de construções que têm na *ação* o seu elemento inaugural.” (SOARES 2006, p.3)

Professor Dr. Ismar de Oliveira Soares, Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, apresenta o termo como:

[...] um conjunto das ações destinadas a:

1 - integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação(cumprir o que solicita os PCNs no que

5 O Bluetooth é uma tecnologia de comunicação sem fio que permite que computadores, *smartphones*, *tablets* e afins troquem dados entre si e se conectem a *mouses*, teclados, fones de ouvido, impressoras e outros acessórios a partir de ondas de rádio. A ideia consiste em possibilitar que dispositivos se interliguem de maneira rápida, descomplicada e sem uso de cabos, bastando que um esteja próximo do outro. Disponível em <http://www.infowester.com/bluetooth.php>.

diz respeito a observar como os meios de comunicação agem na sociedade e buscar formas de colaborar com nossos alunos para conviverem com eles de forma positiva, sem se deixarem manipular. Esta é a razão de tantas palestras sobre a comunicação e suas linguagens);

2 - criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos (o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. Muitas das dinâmicas adotadas no Educom apontam para as contradições das formas autoritárias de comunicação);

3 - melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas (Para tanto, incluímos o rádio como recurso privilegiado, tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade). (OLIVEIRA, 2004, p.1-2)

É pensar na Comunicação e nos meios que a propiciam como agentes para promover e fomentar a Educação de nossos alunos. Educomunicação é unir os meios de comunicação objetivando o uso dos mesmos em prol da Educação. Também é repensar o papel de cada um dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, o aluno não mais é mero receptor de informações e nem o professor um “arquivo” a ser aberto. Se a proposta educacional requer “criar e rever relações de comunicação na escola”, como afirma o Dr. Prof. Ismar, é na mudança destes paradigmas que a Educomunicação inicia, é criando situações em que o próprio aluno produza o conhecimento e dissemine-o que a educação torna-se mais significativa.

Em entrevista, a pesquisadora do Núcleo de Educação e Comunicação da USP, Eliany Salvatierra Machado, afirma que: “A Educomunicação é um campo complexo, com várias práticas comunicacionais que atua na formação de agentes, atores sociais, e na educação formal ou informal, na perspectiva de garantir autonomia ao indivíduo em formação.” (MACHADO 2007, p.3). Sendo assim, todos os educadores são capazes de propiciar uma aproximação maior entre meios comunicacionais que fazem parte da vida de seus alunos sem preocupar-se se o fazem certo, pois estão assim abonando-os de autonomia e, isso, é sinônimo de preparação para a vida fora da escola.



### 27.3.2 Como Funciona a Educomunicação

Em primeiro lugar, é necessário que a escola esteja engajada e trabalhe unindo a prática à teoria, que seu Plano Político Pedagógico preveja ações que possam ser vistas como um todo. Uma ação independente não poderá alterar as relações de diálogo num ambiente onde a maior parte da prática demonstra ações autoritárias e sem compromisso com o desenvolvimento da comunicação. Professores devem se unir e repensar a sua forma de educar.

Não significa que necessariamente a escola tenha que contar com laboratórios de informática superequipados, o que não ocorre na maioria das vezes. Machado (2007) nos mostra que:

Uma das nossas propostas é que quaisquer meios disponíveis, ou todos eles juntos podem contribuir para uma formação mais dinâmica e atual, desde que sejam intermediados por um processo de construção, contando com uma gestão e produção participativa de todos os envolvidos – professores, alunos, funcionários e outros membros da comunidade na qual a escola está inserida. A escola passaria a ser um polo propulsor, motivador, lugar de reflexão e principalmente de expressão. (MACHADO 2007, p. 07-08)

Todos os participantes do ambiente escolar devem estar presentes e envolvidos com os projetos que visam a promover a educação através da comunicação. Uma atividade que gere trocas de informações entre alunos, professores, pais e comunidade em geral pode tornar o ensino mais atrativo e dinâmico. Desde uma entrevista com um pai que foi transmitida pela rádio da escola ou da cidade, até um jornal que promova a divulgação de algo que ocorre dentro ou fora da escola, tudo é sempre válido quando se objetiva comunicar-se.

Sabemos que cada um possui sua forma de pensar e agir, por isso a Educomunicação não objetiva persuadir. Professor Dr. Ismar nos mostra que as “relações de comunicação devem ser francas e abertas” (OLIVEIRA, 2004 p. 2). A comunicação aqui não possui por objetivo dar fama ou valorizar alguém, mas apenas socializar os resultados e conhecimentos obtidos. O professor surge como a figura de um “educador”, ou seja, deixa de lado a postura de detentor do conhecimento e torna-se um estimulador de comunicação, estabelece vínculos entre grupos e propõe as atividades valorizando o processo em si, não mais expõe seu conteúdo, agora participa do processo de construção do mesmo. Conforme Machado (2007):

A produção deve ser coletiva, para isso tanto o comunicador como os educadores não devem ter uma postura arrogante, hierarquizada. Por isso, chamamos o educador de mediador, que é aquele que facilita o processo (e não dificulta). Para que a relação seja uma relação cuidada, afetuosa, propomos a criação de vínculos. (MACHADO, 2007, p.4)

Nem sempre os professores estão preparados para trabalhar com o diferente, e tudo o que é novo causa estranhamento e desconfiança, sair da zona de conforto e deixar de planejar aulas monótonas e expositivas não é fácil, mas se o desejo é formar cidadãos críticos e transformadores somente dando voz e vez a eles que esta premissa se concretizará.

### 27.3.3 A Educomunicação e a Escola

Vivemos numa era em que a comunicação está presente em todas as partes da sociedade e, a escola como formadora de agentes transformadores da realidade, não pode negá-la. A nossa escola não é mais a única a oferecer conhecimento, muito pelo contrário, tem se tornado apenas mais um dos muitos locais em que o aluno busca informações. A internet está aí e pode ser acessada de qualquer local e quando lhe for convém, por isso, a escola deve rever seu papel de “detentora do conhecimento”.

A pedagoga Cristiane Maros nos mostra que:

O educador Paulo Freire, ao longo de sua obra, já alertava para a necessidade de enxergar a comunicação como elemento fundamental no processo educativo, pois é ela que transforma seres humanos em Sujeitos. Para Freire, a educação é um processo da comunicação, pois a construção partilhada do conhecimento só ocorre mediada por relações dialéticas entre os homens e o mundo. (MAROS, 2010, p.2)

Através das palavras de Freire, a Educomunicação se torna mais significativa, pois educar é comunicar-se, adquirir novos conhecimentos requer partilha, requer comunicação, não há como negar essa relação. Os nossos educadores estão acostumados a realizar o seu planejamento baseados na mera transmissão de conhecimento, esquecendo-se que desta forma não estará tornando seus alunos críticos e questionadores, transformadores de sua realidade. E é através da comunicação que tudo ocorre. Maros (2010, p.6) diz que “é preciso conhecer

o meio para intervir e melhorá-lo”. Através da construção das informações que o aluno passa a ser protagonista de seu próprio conhecimento. A autora ainda ressalta que:

É participando efetivamente da construção permanente desse ecossistema comunicativo da escola que o educando deixa de ser mero público-alvo da informação para ser seu protagonista. Ao comunicar, o aluno passa a entender melhor as complexidades da comunicação ao mesmo tempo em que se torna agente de produção de informações por meio de recursos tecnológicos audiovisuais dos quais está habituado a ser receptor (MAROS, 2010, p.7)

Há práticas que se encaixam dentro dos pressupostos da Educomunicação, já ocorrem em várias escolas, mesmo que de forma esporádica somente por alguns educadores. De acordo com Tavares<sup>6</sup> (*apud* MAROS, 2010, p.15) muitas são as vantagens de se trabalhar com a Educomunicação:

Para o educando [...] o maior envolvimento com processos e projetos inter, multi e transdisciplinares que dizem respeito ao fortalecimento do conceito e da prática da cidadania; a realização de pesquisas mais elaboradas visando a enriquecer o produto comunicativo que está produzindo; a descoberta e o treinamento de novos talentos para trabalhar com a mídia; o aumento da auto-estima, perda paulatina da timidez; aprimoramento da autoconfiança e da capacidade de argumentação, além de ampliação do vocabulário e do repertório cultural; aperfeiçoamento da comunicação oral, atenção e disciplina e melhoria da capacidade de expressão individual e coletiva. O educador [...] encontra nas atividades educacionais a possibilidade de introduzir tecnologias de comunicação em suas aulas, utilizando novas linguagens como meio de releitura do mundo. Outra vantagem [...] é o maior interesse, atenção e envolvimento dos alunos e ainda maior facilidade para que o educando relacione conteúdos temáticos com seu cotidiano passando a ser construtor de parte de seu aprendizado.

Dentro de tantas vantagens, basta estimularmos educadores e alunos para que passem a ser agentes do conhecimento em suas comunidades escolares.

---

6 TAVARES JUNIOR, Renato. Educomunicação e expressão comunicativa: a produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP São Paulo, 2007).

Sendo assim, o local torna-se mais dinâmico e favorável à troca constante de informações.

## 27.4 METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho consiste em duas partes. A primeira, já desenvolvida nos capítulos anteriores, refere-se ao referencial teórico pesquisado para subsidiar a prática que será desenvolvida nos capítulos posteriores. A segunda parte refere-se ao desenvolvimento e aplicação de uma proposta metodológica embasada nos preceitos da Educomunicação para utilização do celular em sala de aula. Essa realização será analisada e os resultados obtidos configurarão a conclusão deste trabalho.

### 27.4.1 Caracterização do Público-Alvo

A proposta a ser apresentada a seguir foi aplicada em uma escola pertencente à rede estadual de ensino da região centro-sul do Estado. Região caracterizada como praticamente rural, possui pouco mais de dez mil habitantes e sua economia gira em torno da produção do tabaco. A escola referida possui num total 998 alunos, distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite, atendendo ao Ensino Fundamental, Médio e Ensino para Jovens e Adultos. A escola recebe os alunos do interior na parte do dia e à noite os da parte urbana, isso ocorre devido a falta de transporte noturno para que os alunos possam comparecer à escola.

A turma escolhida para aplicação deste trabalho foi do turno da noite, composta por 27 alunos, todos residentes na cidade. Com idades médias entre 14 e 17 anos, matriculados no primeiro ano do Ensino Médio Politécnico. A turma é composta por adolescentes que, em sua maioria, frequentaram a própria escola durante todo seu ensino fundamental, por isso conhecem-na bem, assim como suas regras e funcionamento. Jovens na sua maioria utilizam celular e não se intimidam com a presença do professor. É uma turma bastante participativa, ativa, questionadora. Em conversas com os professores, pode-se perceber que são alunos excepcionais, dizem que “fazia tempo que não havia uma turma de primeiro ano tão boa”. É neste grupo que se pretende aplicar a metodologia. Para melhor caracterização do grupo, foi aplicado um questionário elaborado pela pesquisadora, contendo dez questões com respostas de múltipla escolha.

A turma compõe-se de 27 alunos, no entanto apenas 25 estavam presentes no dia de sua aplicação. Num total de 25 pesquisados, 56% da turma identificaram-se como gênero masculino, 40% como masculino e 4% como outro.

Em relação a suas idades, a maioria dos alunos possui 15 anos, totalizando 44% dos alunos. Os que possuem 14 anos totalizam 28%, os que possuem 16 anos são 16% e a minoria com 17 anos, representam 12% da turma.

Quando perguntados se possuem ou não aparelho celular, praticamente a turma toda possui, somando 96%. Apenas 4% não possuem.

A respeito da frequência que o aparelho celular é utilizado pelos alunos 64% utiliza-o sempre, às vezes somente 20%, quase nunca representam 12% e 4% são os que não possuem e não se encaixam em nenhuma das alternativas anteriores.

O número de alunos que traz o celular consigo para as aulas é considerável, representam 72%, enquanto os que não o trazem somam apenas 8%. Ainda há aqueles que trazem às vezes, são 20% da turma.

Os alunos se dividem na forma como manuseiam o telefone na sala de aula. Aqueles que mexem durante as aulas em seus aparelhos celulares somam 32%, os que não o fazem somam 20%, a maioria mexe às vezes sendo 44% e apenas 4% mexe somente em caso de urgência, ou seja, quando extremamente necessário.

Quanto à permissão concedida pelos professores para manusear estes aparelhos em aula, apenas 4% respondeu que sim, 64% que não permitem e 8% dos alunos responderam que somente alguns professores deixam fazê-lo.

Aqui a turma está bem dividida, 48% dos alunos acham que o celular não atrapalha as aulas e 52% pensa que atrapalha.

Quando perguntados se alguma vez seus professores já desenvolveram alguma atividade em que tivessem que usar o aparelho celular em sala de aula, 36% disseram que não e 64% que sim. Nesta pergunta havia um espaço no questionário para que pudessem descrever que tipo de atividade era essa. Os alunos que responderam afirmativamente foram unânimes em dizer que, quando utilizavam os celulares solicitados pelos professores era para a realização de pesquisas.

Grande parte dos alunos gostaria que o celular fosse utilizado como parte da construção de seu conhecimento. Sendo assim, 88% compartilham desta ideia e apenas 12% não.

Podemos observar que a turma é participativa e comunicativa, sendo que, em sua maioria possui e gostaria de utilizar o celular com finalidades educa-

cionais. Percebemos o quanto o professor peca ao não utilizar um recurso tão simples e de fácil acesso de todos. Muitas vezes veem no celular, assim como no computador, um mero objeto de pesquisa, acabam por não utilizar todo o potencial que estas mídias têm a oferecer. Muitas escolas ainda não possuem um laboratório de informática bem equipado (como é o caso da escola observada), mas de nada adianta possui equipamentos sofisticados se não saber utilizá-los. Temos em nossas mãos uma ferramenta valiosa, basta enxergá-la com outros olhos e explorar o seu potencial. No capítulo a seguir, será apresentada uma metodologia independente de acesso à internet, o celular não será um mero objeto para realização de pesquisas, mas como um facilitador no processo de ensino-aprendizagem.

#### **27.4.2 Proposta Metodológica**

Para a aplicação deste trabalho, a pesquisadora entrou em contato com a direção da escola e com o professor de Literatura, o qual cedeu um de seus períodos para explicação da proposta. O presente trabalho está em consonância com os conteúdos programáticos da própria escola. Vejamos então o projeto.

O objetivo desta proposta, além de comprovar, pelos princípios da Educação, que o celular pode ser utilizado em sala de aula, é de apresentar alguns conceitos como Língua, Fala, Linguagem, Variações Linguísticas, que estão previstos no plano de estudo da série referida, além de fazer com que o aluno compreenda e perceba o tamanho da dinamicidade de nossa língua.

1º momento: o professor apresenta para a turma através de data show, ou passa por meio do Bluetooth para que cada um acesse de seu próprio aparelho celular, o vídeo intitulado como “ O que você faria se seu filho usasse Twitter” que está disponível no link : <https://youtu.be/IQ4Mhc0itHk> .

2º momento: a professora terá uma conversa informal sobre o vídeo salientando os aspectos referentes à forma das pessoas se comunicarem, e apresentará os conceitos de Língua, Fala, Linguagem e Variações Linguísticas, conforme as tabelas 27.1, 27.2, 27.3 e 27.4 a seguir.

Tabela 27.1 - Língua

A Língua é um instrumento de comunicação, sendo composta por regras gramaticais que possibilitam que determinado grupo de falantes consiga produzir enunciados que lhes permitam comunicar-se e compreender-se. **Por exemplo:** falantes da língua portuguesa. A língua possui um caráter social: pertence a todo um conjunto de pessoas, as quais podem agir sobre ela. Cada membro da comunidade pode optar por esta ou aquela forma de expressão. Por outro lado, não é possível criar uma língua particular e exigir que outros falantes a compreendam. Dessa forma, cada indivíduo pode usar de maneira particular a língua comunitária, originando a fala. A fala está sempre condicionada pelas regras socialmente estabelecidas da língua, mas é suficientemente ampla para permitir um exercício criativo da comunicação.

Fonte: <http://www.soportugues.com.br/secoes/seman/seman2.php>

Tabela 27.2 - Fala

Fala é a utilização oral da língua pelo indivíduo. É um ato individual, pois cada indivíduo, para a manifestação da fala, pode escolher os elementos da língua que lhe convém, conforme seu gosto e sua necessidade, de acordo com a situação, o contexto, sua personalidade, o ambiente sociocultural em que vive, etc. Desse modo, dentro da unidade da língua, há uma grande diversificação nos mais variados **níveis da fala**. Cada indivíduo, além de conhecer o que fala, conhece também o que os outros falam; é por isso que somos capazes de dialogar com pessoas dos mais variados graus de cultura, embora nem sempre a linguagem delas seja exatamente como a nossa.

Fonte: <http://www.soportugues.com.br/secoes/seman/seman4.php>

Tabela 27.3 - Linguagem

A linguagem pode ser considerada como a capacidade estritamente humana capaz de manifestar algo, visando à expressão de sentimentos, à manifestação de desejos e opiniões, à troca de informações entre diferentes culturas, dentre outros procedimentos. Por meio da mensagem identificamos a intencionalidade presente em um determinado discurso.

Podendo esta ser de natureza verbal ou não verbal. Em se tratando da linguagem não verbal, a mesma vincula-se aos símbolos de uma maneira geral, gestos, expressões faciais, desenhos, pinturas, danças, entre outros elementos. A linguagem verbal concerne à modalidade escrita ou oral como forma de estabelecer a comunicação por meio das palavras, facilitando a interação entre os interlocutores.

Fonte: <http://www.mundoeducacao.com/gramatica/linguagem-lingua-fala.htm>

Tabela 27.4 - variações Linguísticas

A **variação linguística** é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida através das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. Como não é um sistema fechado e imutável, a língua portuguesa ganha diferentes nuances. O português que é falado no Nordeste do Brasil pode ser diferente do português falado no Sul do país. Claro que um idioma nos une, mas as variações podem ser consideráveis e justificadas de acordo com a comunidade na qual se manifesta.

Fonte: <http://www.portugues.com.br/redacao/variacao-linguistica-lingua-movimento.html>

Os alunos perceberão que a Língua evolui e se modifica de acordo com o tempo, região, sexo a que pertencem os falantes.

3º momento: os próprios alunos construirão questionários semelhantes ao do vídeo para que possam aplicar em grupos de diferentes tipos. Todos irão utilizar as mesmas perguntas, no entanto, cada grupo irá aplicar em um público diferente. Por exemplo: as questões são:

- 1) Você usa ou já usou alguma vez o Twitter ( ou Facebook, Instagram...)?
- 2) O que você faria se descobrisse que seu filho usasse Twitter?
- 3) Você acha que Twitter faz bem pra saúde?
- 4) O que você acha: Twitter é coisa de homem?
- 5) Usar Twitter é perigoso?

Aqui um grupo irá entrevistar um tipo diferente: um idoso, um jovem, um homem, uma mulher, uma pessoa que reside na cidade, outra que reside no interior, uma que mora em nosso estado, outra que veio de outro Estado, ou uma pessoa que não tem ensino fundamental completo e outra que tenha grau superior.

4º momento: os alunos serão orientados a gravarem suas entrevistas através dos aplicativos ou dispositivos de gravação de voz disponíveis em qualquer celular. Após realizarem suas gravações, cada grupo fará a transcrição das respostas de sua entrevista e entregarão para a professora e para a pesquisadora.

5º momento: em uma aula posterior, será feita a divulgação do trabalho realizado, e cada grupo irá relatar se podem perceber diferenças entre a Língua, a Fala, se houve variações linguísticas nos diferentes contextos pesquisados ou não.



O fato de utilizarem um gravador de voz e possuírem a opção de pausar, voltar, repetir novamente, facilita para que possam realizar a transcrição daquilo que foi dito, assim facilmente é identificada a diferença que há entre a Língua e a Fala, onde requer maior cuidado. Entretanto, a transcrição é realizada tal qual foi concretizada a pronúncia.

## 27.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A atividade foi aplicada durante um período na turma citada anteriormente em determinada noite. A turma se demonstrou bastante envolvida e bem descontraída ao assistir o vídeo. Quando lhes foi solicitado que fizessem gravações com os dispositivos presentes em seus celulares se demonstraram bastante interessados.

A princípio, a atividade deveria ser voltada para a questão explicitada na proposta metodológica no capítulo anterior, partindo do pressuposto de que a língua é única entre os falantes de um mesmo idioma e de que a fala é diferente da escrita, a atividade teria como objetivo principal não apenas fazer com que os alunos percebessem tal afirmação, mas principalmente encontrar no aparelho celular um apoio metodológico que muitas vezes é negado pelos professores. Como dificilmente os alunos encontrariam variações linguísticas de acordo com a localização das pessoas (visto que todos moram na mesma cidade e convivem com pessoas assim também), deixamos os temas livres para que pudessem elaborar suas perguntas e gravar a reprodução de suas vozes. Entretanto todos usaram o vídeo explicitado como base para a realização de suas perguntas, ou seja, se detiveram em fazer questões sobre o uso de redes sociais ou aplicativos muitas vezes desconhecidos pelos entrevistados.

O primeiro grupo elaborou sua entrevista sobre a questão: O que você entende por *Dinder* e *Twiter*? No total foram quatro entrevistados e suas respostas estão listadas nas tabelas abaixo. Para cada resposta foi estipulado um número. Lembrando que todos os entrevistados tiveram suas identidades mantidas sob sigilo e não foram identificados.

Tabela 27.5 - Entrevista grupo 1 – alunos

1- *Eu não sei lê nem escreve, não concordo com essa coisa que vocês disseram, isso faiz mal, si as pessoas não usasse seriam bem melhores.*

2- **Isso prejudica quem usa, quem usa isso é traficante, deve ser preso, essas pessoa tão perdendo a própria vida. Si fosse meu filho eu matava.**

3- **Não vou falar.**

4- *São redes sociais bem interessantes, eu uso e aconselho quem não tem criar o seu, pois muita coisa boa pode ser compartilhada. Legal é ter meus seguidores, pessoas que eu sei que olham com frequência o que posto e que gostam disso.*

Fonte: autoria própria, 2015.

O segundo grupo também se voltou para o mesmo assunto, no entanto elegeu apenas uma pessoa e lhe fez mais de uma pergunta. Vejamos na tabela abaixo.

Tabela 6 - Entrevista grupo 2 - alunos

1- Tu usarias o Dinder? Por quê?

*Sim, porque eu acho muito legal.*

2- O que tu achas que seria o Dinder? Seria uma coisa boa ou ruim?

*Eu acho que é uma coisa que nos faz muito mal.*

3- Mas mesmo tu achando ruim, por que usaria?

*Para saber como é.*

Fonte: autoria própria, 2015.

O terceiro grupo realizou apenas uma pergunta e obteve como resposta o que esta explanada na tabela a seguir.

Tabela 27.7 - Entrevista grupo 3 - alunos

Seus filhos estão usando Whatsapp e Wifi?

*Não, Deus me livre, ele é homi e trabaia no hospital, ele mais as menina de enfermeira. Mais eles não usam Whatsapp nem Wifi, não até agora não. Mais me disseram, não é conversa, e conversa né é conversa meu filho. Então eles me disseram que não usam isso aí. Meu filho é homi trabaia-dor, ele trabaia no hospital junto com a menina Marinalva.*

Fonte: autoria própria, 2015.

Vale salientar que muitas das informações nas tabelas acima apresentam erros de ortografia, mas isso faz parte da atividade onde os alunos transcreveram as falas de suas gravações e, assim, pode-se verificar a diferença que há entre a fala e a língua que foi o conteúdo que motivou esta atividade.

O momento de ouvir as gravações foi muito descontraído, o celular deixou de ser mero artefato de comunicação e passou a ser o objeto que proporcionou a educação. Um recurso que está presente em todos os celulares, um gravador de voz, foi muito útil para que os alunos pudessem elaborar suas entrevistas e serem fiéis aos resultados no momento de fazer o registro. Assim como muitos alunos afirmaram que “*fica mais fácil pra copiar tendo a voz das pessoas gravadas*”, o gravador surgiu durante a atividade como um facilitador, podendo voltar ou avançar a reprodução para o momento que desejar.

## 27.6 CONCLUSÃO

Ao finalizar este trabalho, pode-se chegar à conclusão de que as expectativas em relação ao uso do celular em sala de aula foram superadas. Nem todos acreditam na possibilidade de criar aulas diversificadas através do manuseio de um aparelho tão usual e, na maioria das vezes considerado “inútil” pedagogicamente, em partes o celular é visto como um objeto por onde pesquisas podem ser realizadas e nada mais. Ao decorrer deste estudo, pode-se perceber que há sim formas de utilizar o aparelho celular como recurso pedagógico, basta criar as oportunidades e estabelecer as conexões entre os recursos disponíveis e a aula que se planeja aplicar. A forma como os próprios alunos se envolveram e a contagiante participação que obtivemos são provas de que possuímos um rico material a nossa disposição.

Ao produzirem os seus próprios áudios, os alunos passaram a se tornar construtores de informação e deixaram de ser apenas receptores. Como educadora pude perceber que muitas vezes subestimamos nossos alunos e não acreditamos na capacidade de produção que possuem. Vejo muitos educadores reclamando da falta de interesse, do descomprometimento aparente dos alunos, enfim, são muitos aspectos negativos destacados inclusive a grande ligação entre aparelhos celulares e os mesmos. Vejo isso e ao mesmo tempo penso em soluções, melhor, possibilidades tão simples e acessíveis e que basta o interesse do professor em planejar algo olhando para o aluno como cidadão que constitui nossa sociedade. O fato de cobrarmos em provas o conteúdo explanado não comprova nem acrescenta nada à capacidade crítica e questionadora do aluno.

As reclamações quanto ao uso do celular são muito grandes, nas salas dos professores é constante o número de queixas sobre alunos que não prestam atenção na aula e ficam navegando na internet, ouvindo músicas e até mesmo fazendo ligações e tirando fotos. Os alunos possuem um rico recurso, capaz de captar sons, imagens, fazer vídeos, e os educadores não estão preparados ou possuem medo em aplicar tal dinamicidade em suas aulas.

Percebi, ao aplicar a metodologia proposta, que os alunos estão sedentos de aulas que condigam com a realidade em que estão vivendo, nossos jovens comunicam-se com muita frequência e nós os impedimos de fazê-lo quando preparamos aulas autoritárias e explicativas.

A Educomunicação nos mostra que há muito mais significado no processo do que no conteúdo em si. Temos que modificar as relações de autoritárias existentes na escola e valorizar a produção de comunicação de nossos alunos ao seu próprio modo, à sua palavra.

## REFERÊNCIAS

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas.** Educ. Soc. v.30 n.109, Campinas Sept./Dec. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000400008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302009000400008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 27 abr. 2015.

DAMASCENO, Rogério José de Almeida. **A resistência do professor diante das novas tecnologias.** 2014. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-resistencia-professor-diante-das-novas-tecnologias.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educacão**: aspectos históricos e teórico-metodológicos. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/3483/2501>> Acesso em: 27 abr. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999. Disponível em: <<http://api.ning.com/files/dR-26lCiX6Ej1UmSVtj1Qw9UvQlxfXGXAUz9fUVc1ocygh1WdsB9w8lbuWbUDbnD73S07wO-DeXavupVm5piQW20y8RQK2L7r/LevyCibercultura.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

MACHADO, Eliany Salvatierra. **Educomunicação transforma escola em pólo de reflexão e diálogo**. 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/202.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015

MAROS, Cristiane. *et al.* **Contribuições da educomunicação para a escola como espaço de comunicação participativa e de educação dialógica**. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/viewFile/480/609>>. Acesso em: 14 jun. 2015

MORAN, José Manuel. **As mídias na educação**. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_eduacacao/midias\\_educ.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/midias_educ.pdf)>. Acesso em: 27 abr. 2015.

OLIVEIRA, Ismar de Soares. **O Perfil do educador**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 07 abr. 2015

\_\_\_\_\_. **Mas afinal, o que é educomunicação**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

SOARES, Donizete. **EDUCOMUNICAÇÃO - O QUE É ISTO?** Disponível em:<[http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educunicacao\\_o\\_que\\_e\\_isto.pdf](http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educunicacao_o_que_e_isto.pdf)>. Acesso em: 07 abr. 2015.



